

“VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO?” AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NA EAD

Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro (UFMS – daniela.ead.ufms@gmail.com)

Ester Tartarotti (UFMS – estertartarotti@gmail.com)

Maria de Fátima Xavier da Anunciação de Almeida (UFMS/MACKENZIE -
mfatima.ead.ufms@gmail.com)

Mirian Lange Noal (UFMS - miriannoal@gmail.com)

Patrícia Graciela da Rocha (UFMS – patrigraciro@gmail.com)

Sonia Maria Monteiro da Silva Burigato (UFMS - soniaburigato@gmail.com)

Grupo Temático 6. Educação e tecnologias: formação e atuação de educadores/profissionais.

Subgrupo 6.3 Profissionalização e condições de trabalho em EaD.

Resumo:

Este artigo objetiva discutir questões essenciais ao desenvolvimento do trabalho docente em cursos oferecidos na modalidade a distância. Para este estudo de caso, elaboramos um questionário a fim de mensurar o grau de satisfação dos professores efetivos em relação a suas condições de trabalho. Nesse sentido, partimos das respostas e dos depoimentos dos docentes para tratar de questões relacionadas à internet, ao ambiente virtual e espaço físico na Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância da UFMS e nos polos para o desenvolvimento das aulas; ao meio de transporte utilizado pelos professores para a realização das aulas nos polos; e as suas condições gerais de trabalho. De forma geral, podemos verificar que os professores não estão satisfeitos com as suas condições de trabalho e que, portanto, é preciso sanar as questões estruturais básicas.

Palavras-chave: educação a distância; condições de trabalho; formação docente.

Abstract:

This article aims to discuss essential questions concerning the work of professors in distance learning courses. In this case study, a questionnaire was created to measure the professors' level of satisfaction related to their work conditions. Following that, the professors' answers and testimonies were used to approach issues related to Internet, virtual learning environments and the premises used in the teaching moments both at “Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância/UFMS” and at physical sites where the classes are conducted; to the means of transportation used to carry professors to the cities for face to face classes; and to work-related general issues. Generally speaking, it was possible to verify that professors are not satisfied with their work conditions. It is necessary to sort out basic structural issues.

Key words: distance learning; work conditions; teachers training

1

1. Introdução

O presente artigo inicia provocando os ouvidos do Brasil: “Você está me ouvindo?” E, no decorrer do seu desenvolvimento, vai tornando evidente que há mais setores distraídos com a formação de professores para atuarem na Educação Básica do que se poderia desejar e imaginar *a priori*.

A implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2006, atualmente um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, não pode ser

considerada somente a partir de seus problemas e das intenções em melhorar as estatísticas da educação brasileira, pois, inegavelmente, trouxe avanços ao chegar a cidades do interior nas quais não se ousava pensar em um curso de educação superior tão próximo e acessível. Essa conquista torna-se evidente quando participamos, por exemplo, das solenidades de colação de grau e ouvimos os oradores destacarem que os formandos são, invariavelmente, os primeiros de extensas famílias a terem acesso ao ensino superior.

Essa situação precisa ser historicamente contextualizada, pois se trata de uma conquista resultante de séculos de lutas e reivindicações das classes trabalhadoras brasileiras e não podemos projetar até onde vai repercutir a ação dos indivíduos diplomados. Com certeza, cada egresso de um dos cursos ofertados na modalidade a distância, que há algum tempo não teria a oportunidade de acesso ao ensino superior público, será um propagador de esperança nas possibilidades do vir a ser de cada membro de sua comunidade e de sua família. É, sem dúvida, a concretude de sonhos.

Todavia, é preciso manter a criticidade e a compreensão de que há muito a ser feito para que a interiorização do ensino superior seja um dos caminhos de transformação educacional que se associa às demais lutas da população na construção coletiva de uma sociedade justa, igualitária, de todos os brasileiros.

O Grupo de Estudos em Formação de Professores na Educação a Distância (GEForPED) se propõe, neste artigo, a apresentar alguns aspectos do trabalho desenvolvido na modalidade a distância que precisam ser contextualizados, explicitados, compreendidos e enfrentados pelas políticas públicas com a responsabilidade pedagógica, social e política que exige a formação de professores para atuar na Educação Básica.

Este estudo foi realizado com professores efetivos porque esses profissionais atuam regularmente na Educação a Distância (EaD) diferentemente dos professores colaboradores que desenvolvem atividades esporádicas. Os efetivos acabam sobrecarregados, com condições precarizadas de trabalho e realizando tarefas que fogem as suas atribuições. Somam-se a esse contexto, as viagens, aos finais de semana, em transportes coletivos, a hospedagem em alguns hotéis de baixa qualidade, a dificuldade de acesso a uma alimentação adequada, a falta de infraestrutura dos locais onde ocorrem os encontros presenciais, o vínculo entre os polos e as prefeituras que nem sempre têm o compromisso com a formação de professores e outros aspectos que interferem diretamente na atuação docente.

Para apresentar um pouco da saga que é ser professor efetivo nos cursos de licenciatura da EaD, organizamos o artigo em 4 partes: Contextualização do trabalho docente: proposta e desvios; Metodologia; Apresentação e análise de dados e Considerações finais.

2. Contextualização do trabalho docente: proposta e desvios

A reivindicação das classes trabalhadoras pelo acesso à educação escolar tem sido constante após a Revolução Industrial. Os saberes familiares e culturais, com os acelerados processos de urbanização e de mecanização, não são suficientes para explicar o mundo que se configura cada vez mais complexo, exigindo novos conhecimentos para o âmbito do trabalho. As escolas passam a ser as instituições sociais responsáveis pelo acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados pela humanidade, como afirma Manacorda (1992, p. 358) “O nascimento da escola pública é contextual ao da fábrica e comporta

grandes mudanças na vida social dos indivíduos”. Nesse percurso, os níveis de escolarização vão gradativamente sendo ampliados e o acesso dos trabalhadores, e de seus filhos, às instituições escolares públicas, como direito cidadão, passa a exigir a ampliação das vagas no ensino superior. No entanto, “[...] nenhuma batalha pedagógica pode ser separada da batalha política e social.” (MANACORDA, 1992, p. 360).

No Brasil, como em vários países de produção capitalista e estruturados em classes sociais, o acesso ao ensino superior não foi, historicamente, facilitado aos trabalhadores. O processo de escolarização seguiu e segue a lógica do funil, ou seja, de um quantitativo que ingressa na Educação Básica poucos conseguem concluí-la e menos ainda os que ingressam no ensino superior. Processualmente, tem havido menos vagas do que candidatos e, na tentativa de mascarar essa situação, nos anos 60 a 70, durante o Regime Militar, foi estimulada a ampliação, sem controle, das redes privadas de ensino e de faculdades que não trouxeram e não trazem a ampliação de conhecimentos e tampouco a empregabilidade. Paralelamente a esse fato, houve um esquecimento intencional e o sucateamento das universidades públicas brasileiras.

Nesse contexto, nos últimos 35 anos, a luta pela expansão do ensino superior público, acessível a todos e de qualidade, tem sido o ideário de educadores e de movimentos sociais. No entanto, a sua materialidade não se dá em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, próprias do capitalismo e, portanto, o abandono das instituições públicas de ensino e o sucateamento da profissão docente são partes constituintes de um país que se faz reformista e não revolucionário, como o Brasil.

Nesse percurso, em 2006, surge a proposta de interiorização do ensino superior: a UAB, como uma das respostas governamentais para as classes trabalhadoras. Somando-se a essa, surgem outras políticas de inclusão social como o Programa Universidade para Todos (Prouni), por exemplo, criado para estudantes oriundos das escolas públicas frequentarem instituições privadas de ensino, muitas das quais com qualidade bastante questionável.

No entanto, sem negar alguns avanços, fica evidenciado, pelos índices obtidos nas avaliações externas, como no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que convivemos com dois processos formativos distintos, pois temos de um lado as instituições de ensino e de pesquisa frequentadas por estudantes com tempo integral para as suas formações e, de outro, as instituições de ensino frequentadas por estudantes que trabalham durante o dia e estudam à noite ou aos finais de semana. Assim, a disparidade educacional ainda se faz presente e mantém as desigualdades sociais.

Os alunos que têm acesso aos cursos oferecidos pela UFMS, na modalidade a distância, apresentam o perfil das classes trabalhadoras e, portanto, não estão distantes do quadro apresentado anteriormente. Os professores, por sua vez, com múltiplas atividades, não têm conseguido se constituir pesquisadores de suas próprias práticas, com fundamentação teórico-metodológica adequada, para atuar nessa modalidade e para mediar os processos de ensino e aprendizagem com esses alunos.

3. Metodologia

Esta pesquisa se configura como estudo de caso, pois abrange uma instituição e uma modalidade de ensino. Esse tipo de estudo é definido por Bruyne, Herman e Schoutheete (1991, p. 224-225) como o tipo de pesquisa fundada: “[...] no estudo em profundidade de casos particulares, isto é, numa análise intensiva empreendida numa única ou em algumas

organizações reais”. Nesta investigação, conforme Minayo (1994), não há oposição entre dados quantitativos e qualitativos, mas complementaridade, pois ambos interagem dinamicamente.

Conforme mencionamos anteriormente, este trabalho é produto do GEFoRPED que tem como objetivo tratar da profissionalização e das condições de trabalho em EaD, dentre outras questões relacionadas à formação de professores na modalidade a distância.

Para este estudo desenvolvemos um instrumento de coleta de dados que foi enviado por *e-mail* para os vinte e três professores efetivos dos cursos de licenciatura¹ da EaD – Letras, Matemática, Ciências Biológicas e Pedagogia – cuja adesão de dezesseis docentes foi voluntária e sem identificação. Nesse instrumento, constaram vinte e cinco questões sobre o grau de satisfação em relação às suas condições de trabalho, na seguinte escala de qualidade: *excelente, bom, regular, ruim e não foi possível avaliar*. Também ficou à disposição do sujeito da pesquisa um campo para comentar cada aspecto elencado e um espaço para que o professor pudesse relatar alguma situação vivida por ele que exemplificasse sua opinião acerca das condições do trabalho docente na Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CED)/UFMS.

Dentre as questões propostas, optamos por analisar aquelas que focam os contextos que envolvem as webaulas e os deslocamentos para as aulas presenciais. Sendo assim, consideraremos as respostas dos professores, quanto ao seu grau de satisfação, sobre: a internet, o ambiente virtual e o espaço físico na CED e nos polos para o desenvolvimento das aulas; o meio de transporte utilizado pelos professores para a realização das aulas nos polos: o carro oficial, o ônibus coletivo e os táxis disponíveis e suas condições gerais de trabalho. Por fim, consideraremos os relatos de experiência que complementam e esclarecem a avaliação feita pelos docentes.

4. Apresentação e análise dos dados

A CED/UFMS, em parceria com a UAB, desde 2008, oferece os cursos de Ciências Biológicas, Letras (Português e Espanhol), Matemática e Pedagogia que atendem, atualmente, as ofertas UAB (2010-2014) e a UAB (2013-2017).

Para desenvolver os cursos de licenciaturas mencionados e atender os 950 alunos, atualmente matriculados, a CED conta com 6 professores efetivos no curso de Pedagogia; 6, em Matemática; 5, em Letras e 5, em Ciências Biológicas, os quais foram empossados no período de 2008 a 2011, por meio de concursos públicos realizados a fim de suprir a necessidade de professores para trabalharem preferencialmente nas licenciaturas a distância, sendo possível, após atender as necessidades da EaD, que assumam aulas nos cursos presenciais (graduação e pós-graduação).

É importante ressaltar que, inicialmente, os professores não tinham um espaço adequado para realizar as atividades docentes, próprias da modalidade a distância. A mudança ocorreu com a construção de um prédio exclusivo para a CED, concluído em julho de 2010. Dessa forma, os funcionários e os professores efetivos puderam trabalhar em espaços físicos mais apropriados, naquele momento. Os docentes foram então alocados em salas separadas por curso de licenciatura, com 4 professores por sala, em média e com

¹A CED/UFMS possui outros 2 cursos de Licenciatura a distância – Geografia e Educação Física – que por estarem no início das atividades e sem um grupo de professores efetivos, não foram incluídos nesta pesquisa.

equipamentos tecnológicos que melhoraram a situação de trabalho docente, mas que ainda acarretam problemas devido às características do ensino a distância conforme será discutido mais adiante.

Como este artigo se dispõe a tratar das condições do trabalho docente na EaD, elencamos para a discussão alguns aspectos que consideramos relevantes para a atividade do professor na CED, nos polos, na web e no seu deslocamento para as aulas. A seguir passaremos a descrever e a analisar os resultados obtidos a partir do instrumento de pesquisa aplicado.

4.1. A internet na CED e nos polos

A internet, assim como a velocidade adequada em banda larga e a disponibilidade de sinal de rede são características imprescindíveis para a execução das atividades do professor que atua na modalidade a distância. Além da disponibilidade da rede mundial de computadores operante, o docente necessita do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Na CED, o ambiente *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)* é o sistema de gestão de aprendizagem empregado. Nesse ambiente, o docente possui interação direta com os acadêmicos por meio de materiais didáticos postados, atividades avaliativas a distância, *chats*, *e-mails* e *webaulas* pelo sistema *Big Blue Button*.

Para a realização das aulas a distância, além de salas virtuais adequadas, o professor precisa de equipamentos específicos: *datashow*, microfone, caixa de som, computador, tela de projeção etc. Os polos, geralmente, conseguem atender somente duas aulas concomitantes. Isso ocorre tanto pelo número reduzido dos equipamentos citados, como pela conexão com a internet que nem sempre é adequada. Essas aulas são realizadas por meio de salas virtuais do sistema *Adobe Connect* que têm diversos recursos, permitindo inclusive que a aula seja gravada pelo próprio professor. Contudo, esse sistema exige uma conexão de boa qualidade que muitos polos não possuem, o que faz com que as aulas sejam interrompidas diversas vezes.

O problema torna-se mais grave na medida em que as cidades onde estão localizados os polos de apoio presencial são de pequeno porte, distantes umas das outras e não possuem técnicos capacitados, da empresa de telefonia provedora de internet, disponíveis para solucionar com rapidez os problemas referentes às questões de conexão, sobretudo durante os finais de semana quando são realizadas as aulas.

Ao considerarmos a avaliação dos professores em relação às questões mencionadas, constatamos que a maior parte dos efetivos está satisfeita com a qualidade da internet na CED, pois dentre os 16 participantes da pesquisa, 69% consideraram o serviço oferecido como bom, 6% avaliaram como excelente e 25%, como regular.

Dado também positivo foi constatado quanto à quantidade e qualidade dos equipamentos multimídias disponíveis nos cursos da EaD, vinculados à CED, quais sejam: *datashow*, material de laboratório, computadores etc.. 76% consideraram bom o número e a qualidade dos equipamentos; 6%, regular; 12%, ruim e 6% não souberam avaliar.

Como constatamos, não há grandes reclamações dos professores em relação à internet e aos equipamentos disponibilizados na CED. Entretanto, a situação é bastante diferente quando tratamos dos polos, conforme podemos verificar a seguir.

Sobre a qualidade da internet nos polos², o resultado foi quase unânime: 88% consideraram ruim e apenas 12%, regular. Outro item que claramente precisa ser melhorado está relacionado à qualidade e à quantidade de equipamentos multimídias disponíveis nos polos (*datashow*, computadores etc.). 6% avaliaram o item bom; 44%, regular; e 44%, ruim. Apenas um docente, 6%, alegou que não foi possível analisar esse item. Para que se compreenda melhor a situação detectada, apresentamos a seguir alguns depoimentos dos sujeitos da pesquisa, identificados com P01, P02 etc., acerca das questões levantadas.

- (1) *A internet nos polos é um agravante que devemos ressaltar, pois a qualidade ruim deste meio de comunicação impede que os cursos tenham a qualidade desejada, visto que são muitas as interrupções e desconexões durante as aulas ministradas. (P 01)*
- (2) *Em várias ocasiões presenciei, em aulas práticas, em vários polos, computadores inoperantes, o que obrigava os alunos a sentarem em grupos, muitas vezes atrapalhando as atividades programadas. Tive problema por falta de programa instalado com computador (plugin) necessário para ler arquivos que eu precisava em aula. (P 02)*
- (3) *A infraestrutura dos polos, de modo geral, merece destaque negativo. Geralmente, as salas de aula não têm boas lousas, nem aparelhos de ar condicionado. De forma geral a internet é muito ruim, os laboratórios de informática não têm computadores funcionando em número suficiente, bem como faltam materiais multimídia nesses laboratórios (...). (P 04)*
- (4) *A infraestrutura dos polos, de modo geral, merece destaque negativo. Geralmente, as salas de aula não têm boas lousas, nem aparelhos de ar condicionado. De forma geral a internet é muito ruim, os laboratórios de informática não têm computadores funcionando em número suficiente, bem como faltam materiais multimídia nesses laboratórios (...). (P 04)*
- (5) *As webaulas são ruins. Os polos não estão bem equipados, faltando tanto internet de qualidade quanto equipamentos como microfone e webcam. (P 05)*
- (6) *Se a internet dos polos fosse boa, poderíamos ver e ouvir as turmas durante as webs e isso facilitaria a interação. (P 07)*

As condições apresentadas indicam que, muitas vezes, os docentes não conseguem desenvolver suas atividades com a qualidade necessária, considerando que a EaD tem como sua ferramenta principal a comunicação via internet. Além dos problemas mencionados, os docentes convivem com a fragilidade do sistema que sofre interferências externas imprevisíveis que se interpõem na conectividade, como a ocorrência de chuvas, tempestades, granizo, as características do relevo etc.

² Destacamos que os 9 polos que oferecem os cursos da UFMS na EaD foram avaliados de modo geral e que há muitas diferenças entre eles no que se refere à qualidade da internet, quantidade e qualidade das salas de aulas.

Nesse sentido, algumas vezes, o professor precisa fazer determinadas escolhas que prejudicam a sua interação com os alunos durante as webaulas como, por exemplo, se ele vai ver e ouvir os alunos ou se vai apenas falar. Isso ocorre porque, normalmente, não há a possibilidade de manter interação usando todos os recursos disponíveis, simultaneamente. Os problemas de microfonia geralmente acontecem quando são ligados, ao mesmo tempo, o microfone e a câmera do professor e o microfone e a câmera na sala de aula do polo. Sem ver os alunos, é comum que o docente perca um bom tempo da sua aula fazendo as seguintes interrogações: “*vocês estão me ouvindo?*”, “*vocês estão me vendo?*”. Muitas vezes, os problemas operacionais são resolvidos com a ajuda do técnico que fica disponível na CED, outras vezes é necessário cancelar a webaula e remarcar-la para outra data prejudicando o calendário do curso.

4.2. O ambiente virtual e o espaço físico disponível na CED e nos polos para o desenvolvimento das aulas

Os cursos da UFMS na modalidade a distância são oferecidos nos polos que geralmente funcionam em escolas de educação básica alocadas aos finais de semana para as atividades da EaD (encontros presenciais com o professor da disciplina e aulas *on-line*).

Na CED, os professores utilizam também as salas virtuais de aprendizagem vinculadas ao *Sistema Adobe Connect* que lhes possibilitam ministrarem webaulas bem como gravá-las para posterior disponibilização aos acadêmicos dos cursos. Até o ano de 2013 todos os cursos compartilhavam apenas 5 salas virtuais, sendo possível o uso concomitante de somente 3 delas. No início de 2014, as condições de disponibilidade das salas virtuais foram bastante ampliadas, a UFMS passou a utilizar a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) e, com essa inovação, cada curso recebeu um quantitativo de salas correspondente ao número de docentes efetivos. Tal conquista permitiu uma maior flexibilidade nos agendamentos de webaulas sendo que o uso concomitante das 41 salas ampliou as possibilidades do trabalho docente.

A questão da qualidade e quantidade das salas virtuais foi avaliada pelos professores, de modo geral, positivamente, pois 19% deles julgaram esse quesito como excelente, 31%, como bom, 44%, como regular e 6%, como ruim.

Por outro lado, é importante observar que o espaço físico para os professores trabalharem os conteúdos da disciplina é fator relevante, pois ruídos próximos podem perturbar o andamento das aulas. Na CED, o docente enfrenta o desafio da limitação do espaço físico para utilização da internet e, diante desse problema, parte dos profissionais investe em bons provedores de internet e trabalha suas webaulas em suas residências.

Diante dessa limitação de espaço físico adequado, verificamos que o ambiente na CED/UFMS para a realização das webaulas deve ser ampliado, pois 31% consideraram a disponibilidade do espaço para ministrar aulas *on-line* como regular e a maior parte das respostas, 69%, julgaram esse espaço como ruim. Esse fato indica que mais investimentos devem ser destinados para sanar o problema atual, da disponibilidade de estrutura física na instituição, para a realização das webaulas como indicamos os depoimentos a seguir.

(7) *O espaço é ruim. Não há um espaço dedicado à realização de webaulas, cada um a realiza de sua mesa de trabalho. (P 05)*

(8) *Faltam salas para professores quando há mais de uma aula no mesmo final de semana. (P 07)*

Vale ressaltar que o fato de não haver salas privativas para desenvolver as webaulas no ambiente de trabalho influencia negativamente no fazer docente de forma diferenciada, uma vez que há professores que apresentam maior dificuldade de se expor frente à câmera e de se concentrar na comunicação com os alunos a distância. A circulação de pessoas e a simultaneidade de webs acontecendo no mesmo ambiente acaba influenciando na qualidade das aulas.

Como já foi mencionado, para resolver esse problema, alguns professores estão desenvolvendo as webs em suas próprias residências, no entanto, essa prática interfere na rotina familiar, além de acarretar gastos adicionais ao docente e a utilização do espaço privado como espaço de trabalho. Essa solução é paliativa porque além de não resolver o problema estrutural não reivindica alterações no sistema UAB e na Instituição de Ensino Superior (IES) e, portanto, não é assumida como política pública que deveria assegurar os custos necessários para a continuidade e a qualidade dos programas implantados.

Quando o professor vai ao polo ministrar sua aula presencial, um dos problemas identificados está relacionado à estrutura dos espaços, pois na maioria dos polos não há salas de aula climatizadas compatíveis com o clima de nosso estado. Já ocorreram situações em que o professor passou mal durante a aula, principalmente aos sábados à tarde quando o calor é mais intenso. As salas são pequenas e nem sempre comportam uma turma com 50 alunos, apesar de alguns cursos terem esse número de estudantes matriculados. Além disso, a maioria dos polos não teve seu espaço físico adaptado e ampliado. O número de salas de aula, por exemplo, permanece o mesmo em muitos polos, desde sua inauguração quando atendiam somente 5 cursos da UFMS. No entanto, atualmente, são 6 cursos acontecendo simultaneamente, e serão 7 em agosto de 2014, e, além disso, há outras universidades (UFGD, UEMS, UFSC etc.) que também passaram a oferecer cursos de graduação e de pós-graduação em vários desses polos.

Com relação ao item qualidade e quantidade das salas de informática disponíveis no polo, 50% julgaram como regular; 44%, ruim e 6% disseram que não foi possível avaliar. Sobre as salas de aula, 44% consideraram que a qualidade e a quantidade são boas, 19%, regulares e 37%, ruins.

4.3. Os meios de transporte utilizados pelos professores para o desenvolvimento das aulas nos polos

Conforme já mencionamos anteriormente, o docente atuante nos cursos oferecidos pela UFMS, na modalidade a distância, periodicamente se desloca aos polos para ministrar aulas presenciais previstas em seus projetos pedagógicos. Nessas aulas, o professor precisa de equipamentos, tais como: *datashow*, computador, materiais de laboratório envolvidos na área e, se possível, sinal de internet. Todavia, os equipamentos disponíveis normalmente são restritos nas cidades polo, pois a disponibilidade está vinculada à parceria com a prefeitura local segundo a política da UAB. Essa parceria, embora represente redução de custos à UAB, significa um grande desafio ao desenvolvimento dos trabalhos didáticos, pois as prefeituras locais não têm obrigação legal sobre o ensino superior e muitas das promessas realizadas no calor dos acordos prévios não são concretizadas devido a problemas financeiros e/ou vontade política das prefeituras que não asseguram continuidade quando há alternância de

partidos políticos na administração municipal. Assim, conforme já revelamos, equipamentos de apoio disponíveis na CED, algumas vezes, têm que ser transportados pelos professores para as cidades polos.

No que se refere à avaliação dos professores sobre as viagens de carro oficial, o resultado foi: 6% julgaram como excelente; 37%, bom; 37%, regular e 19%, ruim. Ressaltamos que apesar de ser mais confortável para os professores a viagem em carros oficiais, às vezes, essas se tornam extremamente cansativas, principalmente quando o número de docentes corresponde ao número máximo de vagas no veículo, pois se tratam de longos percursos e muitos deles sem paradas para descanso.

Por outro lado, as viagens de ônibus apresentaram um resultado bastante negativo na avaliação dos professores, pois 19% as avaliaram como regular; 69%, ruim e 12% não souberam responder. Podemos sugerir que essa avaliação se deve à precarização dos veículos no estado e a não preocupação com o bem estar dos passageiros, pois as empresas não são fiscalizadas e exigidas devidamente. Há excessos de paradas que aumentam o tempo de viagem, às vezes ocorre o não funcionamento do ar condicionado (o que é um agravante, considerando-se o calor típico do estado), superlotação de passageiros, falta de manutenção mecânica dos veículos, incidência de passageiros embriagados e não revistados etc. Além disso, o estado de Mato Grosso do Sul, por suas fronteiras, tem se constituído como rota de tráfico de drogas e armas que são, muitas vezes, transportadas nos ônibus comerciais acarretando riscos aos docentes.

Com relação à qualidade e à quantidade dos táxis disponíveis nos municípios onde estão localizados os polos, 76% consideraram ruim; 12%, regular e 12% disseram que não foi possível avaliar o item. Os depoimentos a seguir, esclarecem os dados apresentados.

(9) *Quanto às viagens de ônibus devemos ressaltar que são muito onerosas aos professores, pois existem cidades que não contam com serviços de táxi e o deslocamento na cidade é bastante dificultoso. (P 01)*

(10) *De maneira geral, não há táxi oficial nas cidades do interior e não atuam à noite. (P08)*

(11) *Já passei por uma situação em que não havia táxi na cidade e que, para ir do hotel à rodoviária tive que pegar um táxi não credenciado cujo motorista estava visivelmente bêbado e não usava cinto de segurança. Além disso, o carro estava em péssimo estado. (P09)*

É importante observar que, devido à pequena dimensão dos municípios, percebe-se que os moradores não usam serviço de táxi e que, portanto, não há uma frota oficial credenciada. Geralmente, o serviço é feito por pessoas de uma mesma família que disponibilizam o veículo particular para prestar esse serviço e que não têm o compromisso de atender regularmente à demanda, principalmente nos finais de semana quando acontecem as aulas dos cursos ofertados pela CED.

Na busca de minimizar esses transtornos causados pela falta de carro oficial e de taxis nas cidades que sediam os polos, muitos professores acabam se deslocando com seus veículos particulares, o que acarreta horas a mais de trabalho (ao dirigir) e gastos não previstos nos orçamentos (da UAB, da IES e do professor). Essa é mais uma solução paliativa que recai sobre os professores que, como já apresentado neste artigo, no intuito de atender

os alunos, também utilizam a residência para a realização do seu trabalho. Essa prática é equivocada, pois a responsabilidade por espaços, equipamentos e deslocamentos dos docentes é encargo institucional e das políticas públicas de educação.

4.4. Avaliação das condições gerais do trabalho docente

Por fim, no que se refere ao seu grau de satisfação quanto às condições de trabalho, a maioria dos sujeitos avaliou como regular. As respostas obtidas foram as seguintes: 12% consideraram as condições boas; 76%, regular e 12%, ruim. A seguir, apresentamos o depoimento redigido por um docente que demonstra o seu descontentamento em relação às condições gerais de trabalho na EaD.

(12) Regular porque há falta de motoristas, burocracia no pagamento de diárias etc. dificuldades enfrentadas para a realização das webaulas (internet ruim nos polos, falta de espaço físico para ministrá-las na CED), superlotação das salas de trabalho (o que impossibilita a concentração e, portanto, a produção científica no interior da CED). (P07)

Como podemos verificar, o nível de satisfação dos professores que atuam na modalidade a distância não é muito diferente dos níveis evidenciados em outros estudos sobre as condições de trabalho docente como, por exemplo, Silva et al. (2012), Neves e Fidalgo (2012), Del Pino et al. (2011), Lapa e Pretto (2010), dentre outros. No entanto, quando 76% consideram *regular* sua condição de trabalho, fica evidente que há providências institucionais a serem tomadas na busca de melhorar esse índice, pois estamos tratando da formação inicial de novos professores.

Embora haja um contexto que interfere na atuação docente como viagens, internet, táxis, salas de aula etc. a essência do problema volta-se para a própria UAB e também para a IES, por se tratar de uma questão política e pedagógica, uma vez que os polos de apoio presencial têm se constituído em tempos e espaços de ensino, nem sempre de aprendizagem, e muito menos de extensão e pesquisa. Isso está refletido no fato de ainda estarmos discutindo questões estruturais básicas e primárias de condições de trabalho docente quando poderíamos (ou deveríamos) estar discutindo questões de cunho pedagógico e/ou ações de pesquisa e extensão para um atendimento mais qualificado com o nosso discente.

Considerações finais

O contexto apresentado evidencia que tanto a CED quanto a UAB ainda apresentam defasagens em relação às políticas de apoio à atuação docente com a qualidade, o respeito e a segurança necessários. O contexto geral (o excesso de atividades desenvolvidas, a ampliação de polos, de cursos e de turmas a serem atendidas) não tem sido analisado em sua totalidade com a rigorosidade necessária. Essa situação tem acarretado problemas que precisam ser abordados com urgência, a partir de um diagnóstico fidedigno da situação, principalmente em relação a deslocamentos dos professores aos polos, definição das atribuições dos docentes e demais membros das equipes da CED e dos cursos.

Essa situação torna-se caótica quando se pensa no conjunto de profissionais que atuam na UAB, a maioria com formações distantes das tecnologias e, de maneira geral, sem formações continuadas e as necessárias atualizações. A atuação articulada dos tutores presenciais e a distância, dos professores e das equipes gestoras e técnicas exige tempos e espaços que a UAB não disponibiliza. A política de bolsas institucionaliza o subemprego e não possibilita a composição de um grupo mais permanente que possa atuar no coletivo. As estruturas físicas dos polos de apoio presencial e os equipamentos tecnológicos disponibilizados ainda precisam melhorar muito para se constituírem como partes de uma universidade que deveria se fazer na articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

A transformação de um país, mediada pela educação, exige muito mais do que a soma de programas que não dialogam entre si. É inegável que há recursos financeiros e que as IES públicas têm aumentado o quantitativo de vagas, de docentes e de assistentes administrativos, no entanto, as ações não têm se articulado com o necessário foco político e pedagógico. A UAB não se afasta desse contexto uma vez que repete esse modelo de ação isolada, embora as análises estatísticas, não problematizadas, demonstrem avanços nessa área que se tornam questionáveis quando se efetivam estudos de casos mais aprofundados e fora dos grandes centros do país.

Ao finalizar este artigo, no qual evidenciamos alguns problemas da modalidade a distância na UFMS, reafirmamos o nosso empenho com a construção de uma universidade pública efetivamente comprometida com a transformação social e econômica do país, mediada pela educação, que vai ao encontro das populações historicamente excluídas do acesso e do percurso ao ensino superior. Reconhecemos o inegável avanço que a UAB significou e significa para cada aluno graduado nessa modalidade, embora ainda seja necessário ouvir mais os protagonistas desse processo com vistas a qualificar e significar essa formação.

Referências

BRUYNE, P.; HERMAN, J. & SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais - os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves (2001).

DEL PINO, M.A.B. et al. A educação a distância nas instituições federais de ensino: novas relações no processo de trabalho docente. *Cadernos de Educação*. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [38]: 235 - 257, janeiro/abril 2011.

LAPA, A. e PRETTO, N.D.L. Educação a distância e precarização do trabalho docente. *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010.

MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 3. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEVES, I.S.V e FIDALGO, F. Condições de Trabalho e de Vida na Docência Virtual. *SIED – Simpósio Internacional de Educação a Distância. ENPED – Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. UFSCar. 2012.*

SILVA, S. A. et al. Educação a Distância e Precarização do Trabalho Docente. *Revista Eletrônica Arma da Crítica. Número 4/Dezembro 2012.*